

O grito, o abraço e o risco♦

Marcus André Vieira

Este texto retoma desenvolvimentos de testemunhos anteriores do mesmo autor e resume um longo percurso de análise em três etapas. A primeira envolvendo o trauma que encontrou seu limite na impossibilidade responder à demanda de reparação da perda traumática. A segunda destacando como, mesmo mantendo-se no campo do trauma e da perda, foi possível encontrar uma satisfação nova. A terceira permitiu abrir-se a um campo de possibilidades fora deste campo, aberta à continência do encontro de maneira até então impossível. Os conceitos em questão para essa leitura são: trauma e recalque para a primeira parte, objeto “a” e interpretação, para a segunda e, finalmente, nomeação, forçamento, litoral, letra e *sinthoma* para a última que foi dividida em duas subseções.

Palavras-chave: Lacan, Passe, objeto “a”, letra, sinthoma.

The hug, the life and the risk: This paper rephrases prior developments by the same author to analyzes and summarizes his long psychoanalytical pathway in three stages. The first one involves the trauma and the demand of reparation that reached its limits in the impossible answer to the traumatic loss. The second highlights how, while remaining in the field trauma and loss, the autor could find a new satisfaction. The third stage allowed him to open up a new field of possibilities, that until then were not possible. The concepts in question for this stages were: trauma and repression for the first part, « a » object and interpretation, for the second and, finally, nomination, *forçage*, letter, and *sinthome*.

Key-words: Lacan, the pass, « a » object, letter, *sinthome*.

O grito (e o silêncio)

Aquele que inicia uma análise costuma partir do pressuposto de que há sempre um acontecimento traumático na origem do sintoma e de que é preciso reencontrá-lo para esvaziar sua carga de dor. Algo, porém, na própria teoria freudiana se contrapõe a essa premissa, pois para Freud não basta um evento marcante para que haja trauma. É preciso um segundo evento que venha reler o primeiro e só assim este ganhará o valor de causa do sofrimento. A exclusividade do acontecimento traumático, portanto, se perde. Nem o primeiro tempo, nem o segundo guardam a causa do sintoma, o real do trauma, para sempre perdido em algum lugar entre os dois.

Uma situação resume estes dois aspectos do trauma em análise: o do acontecimento em si e o de sua perda estrutural. Ela é destacada por Lacan no *Seminário 11* ao se referir a um momento preciso da véspera quando, dormindo, despertara com batidas na porta.¹ Só isso. É uma situação traumática bem minimalista, mas ainda assim traduz com precisão como a incidência do Outro pode nos atingir e perturbar. Neste exemplo, ela se apresenta sob a forma de um som que, no entanto, não podemos ouvir, pois só no segundo momento, o do acordar, ouvimos o que quer que seja.

♦ Este texto foi redigido como base para os testemunhos a serem apresentados nas XX Jornadas Clínicas da EBP-Rio e nos XVIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, nos dias 18 de outubro e 24 de novembro de 2014. Publicado em *Opção lacaniana*, n. 70, São Paulo, EBP, junho de 2105, pp. 93-100.

Essa situação me interessa especialmente porque permite abordar o trauma do ponto de vista da voz, que esteve em cena do início ao fim em minha análise. Buscava, como tantos, um tanto de vida faltante, apostando que, por exemplo nos sonhos, reencontraria meu eu anterior ao trauma e ao gozo perdido. Essa vida em falta era figurada sempre como uma voz perdida: a fala precisa, o “não” firme, por exemplo. No entanto, a voz de quem está no país dos sonhos não pode ser ouvida pelo sujeito acordado. É uma perda estrutural. Talvez por isso tantos sonhos se terminem na impossibilidade de gritar. Por outro lado, como aceitar essa impossibilidade e desistir desse ser que insiste em se dizer em nossos sonhos? Vivía como Orfeu com Eurídice, buscando uma voz reencontrada apenas no exato instante em que novamente era perdida.

Na noite anterior a uma sessão memorável, porém, acordei como Lacan, sobressaltado no silêncio da noite com algo que acabara de ouvir. Após alguns instantes realizei que ninguém havia batido à porta, tinha acordado com meu próprio roncar.² Não ouvi meu ronco, mas era como se ele ainda estivesse ali. Esse é o ponto. Foi um momento muito especial, "entre-dois", feito ao mesmo tempo de som e de silêncio. Ele apresentou algo *extra*, inexistente e existente ao mesmo tempo.

A sequência de sessões que se seguiu foi fundamental para materializar esse *extra* e dar-lhe lugar em minha vida, afastando-me, assim, do destino de Orfeu. Ela ocorreu, em minha análise, em dois momentos. Um primeiro materializou esse gozo extra como objeto, num segundo momento a análise presentificou outra coisa, um excedente vital, mas sem forma (nem mesmo a de “perdido”, ou de “extra”) que foi decisivo para a conclusão.

O abraço e o tambor

Para introduzir o primeiro tempo, destaco uma lembrança que se apresentou em conexão com o sonho do qual fora despertado pelo ronco. Recém-formado em medicina, dava plantão em uma enorme clínica psiquiátrica, apenas de mulheres. Numa de minhas rondas, uma paciente obesa, sentada, nua em um canto toda a manhã, me chamara atenção. Ao me aproximar, percebi que ela balbuciava alguma coisa. Cheguei mais perto para ouvi-la, foi o bastante para ela se virar para mim e me tomar em um fortíssimo abraço. Impossível se livrar dele. Me debati, gritei e foram necessárias quatro enfermeiras para tirá-la de cima de mim.

A lembrança me interessa por ser uma retomada de outra situação radical bem mais antiga que narrei em outros testemunhos: a mão na garganta que me sufocara quando tinha oito anos em uma agressão sofrida por outro paciente, na clínica psiquiátrica de minha avó, em que passei os momentos mais marcantes de minha infância. Aquela agressão sintetizava todo o ambiente de violência da clínica, que me calara. Não era só a mão na garganta, mas todo o contexto em que os *gritos* dos pacientes em crise também me haviam congelado mais de uma vez.³

Na cena da moça não havia nada disso. O abraço podia ser uma retomada da cena da agressão, mas não do mesmo modo. Os balbucios faziam contraponto aos gritos da minha infância e o abraço à mão na garganta. Em vez da violência muda do supereu (dos

gritos fora do sentido) havia aquele som balbuciante, também entre dois, como o ronco no peito (e que chamei acima de um gozo extra).

Antes mesmo do abraço a moça já havia me envolvido com sua voz que era, ali, parcial, resto. A voz nem sempre invade e fim, pode fisgar sem esmagar, era o que me permitia estar naquele abraço, como objeto. Envolvido, mas não sufocado.

Uma interpretação do analista trouxe o gozo dessa voz parcial numa época da análise em que (às voltas com roncões e balbucios) já podia ouvi-la. Falava da guerra que tinha sido até então minha relação com o Outro e como sua voz me fazia bater o coração quando ele disse "seu coração é um tambor". Até então a voz do Outro me tornava soldado. Eu era, corpo todo, tambor do Outro. Agora a voz que me agitava, era parcial, não mais total, me permitia aproveitar um pouco, relaxar e gozar.

A interpretação do tambor resume todo um processo nomeado por Lacan como "extração do objeto". Não apenas o tambor, mas o ronco e balbucio, entre outras figuras, vieram condensar a força do objeto voz em minha vida trazendo-o à cena não mais como "voz áfona", totalizante e esmagadora, do supereu, mas como fragmentos sonoros, parciais, lugar de um gozo de objeto tornado possível.

Não haveria jamais o gozo faltante que eu buscava e que me teria sido subtraído pela vida na clínica. O destino de Orfeu, porém, não era mais obrigatório, pois essa perda, apesar de mantida, trazia uma possibilidade até então oculta de gozo. A extração do objeto é a solução analítica para o trauma estrutural. Encontrara um gozo incluído no trauma: o de se deixar agarrar e assim me enlaçar. Dito de outra forma: a mesma chave de braço que apertava a garganta podia ser abraço.

Apenas sintetizo em uma lembrança e uma sequência de sessões todo um processo cheio de idas e voltas. Trazer um pouco do gozo do objeto para a vida, fazer do resto causa, supõe todo um trabalho de reconfiguração de si. Parece simples, mas foi preciso mudar muito em termos de identidade oficial, de agitado agitador viril para viver esse lugar de objeto, em vez de morrer de vergonha dele.

O gozo do objeto nos mantém, porém, no plano do trauma e de sua subjetivação (que Lacan chamou *fantasia*). O decisivo em termos de conclusão envolve a abertura a um espaço fora da fantasia. Foi o que veio a seguir. É que só então pude perceber como o gozo condensado no objeto encerra apenas uma fração da vida que levamos em nós.

Minha agitação viril num extremo e a docilidade do agarrar e ser agarrado noutra, formavam o leque de paixões ditadas pela fantasia. Mas há vida fora da fantasia.

Enquanto o gozo do objeto é horror ou vergonha, embaixo do tapete, temos a impressão de que o roteiro da fantasia encerra todos os caminhos de nosso gozo. No entanto, quando o objeto passa para o regime do possível, verifica-se como há bem mais naquela casa, um gozo que não fica sob o tapete, mas sim fora de esquadro, fora de fôrma. Em lugar nenhum em toda parte. Entendo como para muitos isso pode ser devastação. Para mim, porém, foi alívio. Não há como recuperar a voz faltante, mas em vez de persegui-la, pude me abrir para o abraço a partir da extração do tambor. O abraço me ensinou a não caber em mim.⁴

A gritaria e a mordida

O final veio com um sonho que colocou tudo isso em cena: tanto a presença totalizante do supereu quanto o gozo parcial do objeto, mas sobretudo aquele Outro gozo sem corporeidade definida que vinha sendo vislumbrado. O sonho mostrava uma rua à noite, semi-iluminada. Da zona de penumbra vinha uma gritaria sem falas claras, sem imagem. Foi deste modo que o inconsciente apresentou esse gozo suplementar, como agitação barulhenta e desencarnada.

Em outros testemunhos descrevi esse sonho em detalhes, hoje quero apenas destacar o que dele foi feito em análise. De fato, o gozo suplementar ganhou um nome. Pude dizer que ele traduzia a presença de um "mordido" (não no sentido de alguém machucado, mas agitado e pronto para tudo).

Não vou retomar o papel desempenhado pelos cães em minha vida. Vocês podem imaginar como o tema da mordida se relacionava com a mão na garganta. O essencial é destacar como a mordida raramente fora vinculada ao ataque de um cão e sim às brigas entre os cães - em vez da mordida registrar o resultado de uma agressão ela trazia à cena um tumulto e os efeitos, na carne, de seus transbordamentos. Provavelmente por esta razão o termo se impôs como a mais precisa maneira de traduzir em sua presença sonora o que já vivia de um gozo sem localização precisa no corpo.

Digo *tradução* e não interpretação porque a nomeação em questão nada tinha a ver com a interpretação do analista sobre o tambor. Não era extração, parcialização da voz, mas presentificação sonora de um gozo fora do sentido.

Toda verdadeira nomeação é, segundo Lacan, furo. A interpretação do analista ao recortar a excitação do tambor, de natureza análoga a da estranheza do ronco, ou do gozo do abraço, era uma nomeação que localizava um objeto muito especial, paradoxal, entre o sujeito e o Outro, nem de um, nem de outro e que Lacan chama de objeto *a*. Já a nomeação do mordido não dava a esse gozo fora do sentido localização, fazia dele uma constelação imprecisa, um transbordamento de significações as mais variadas. Se a primeira localizava um furo a segunda o fazia reverberar, como um sino.⁵ De tão importante, gerou outra, *mordidavida*, que materializava ainda mais claramente, em suas ressonâncias algo além das significações para as quais apontava, vibrante e sem lugar.

O que é este nome *Mordidavida*? Pergunto-me desde então.

Sei, para começar, que quando o alarido do sonho foi por assim nomeado soube que este era um ato sem analista, tão sem Outro quanto o gozo que ele vinha nomear. Não tardei a perceber que minha análise se concluía naquele momento.

Sei ainda que não há continuidade entre o tambor e *mordidavida*. Ele não é extraído da fantasia. Vem por acréscimo, mesmo se só ganha existência a partir de toda minha história.

O termo composto guarda um impossível: como morder a vida? Seria como morder o mar. Ao mesmo tempo, lembra que o gozo da vida só existe "mordido", só tem lugar a partir da incidência da linguagem sobre o vivo do corpo. Essa incidência pode ser tomada como um trauma, a marca de uma perda inaugural, mas não apenas.

Uma análise pode, porém, conduzir-nos mais longe, a um horizonte em que a incidência da linguagem sobre o corpo se manifesta de outro modo, fora da perda e do trauma. Lacan destacará esta dimensão ao abordá-la em termos de *litoral*.⁶

O risco da letra

Na metáfora do litoral está presente a possibilidade de um encontro, água e areia nesta imagem, contingente, mas que mesmo assim delinea um traçado. Delimita-se, neste traçado um limite, sem que necessariamente isso se apresente como uma perda. É o que será abordado por Lacan, juntamente com a metáfora do litoral, através da referência à escrita e à *letra*.

É possível considerar a letra a partir do paradigma da perda. Ela será tomada como a parte da escrita que se perde quando se lê. De fato, para que se entenda alguma coisa é preciso não pensar em cada letra, uma por uma, mas apenas no sentido que elas, articuladas, transportam.⁷

É possível, porém, tomar a letra de outra forma. A proposta de Lacan é destacar seu aspecto caligráfico e não tipográfico. Deste ponto de vista, o gesto que delinea a letra e que a inscreve permanece visível no papel. Ressalta-se como o gesto de escrita é único para cada mão e não se perde na leitura. Neste caso, a letra interessa no que encerra e transmite desse gesto singular que a traçou, seu estilo. A série de traços de uma escrita passa então a permitir vislumbrar o gozo singular nela encerrado. Podemos partir do gozo que se inscreve a cada gesto de escrita e não do que dele, em cada um, falta.

Mordidavida é uma produção desse tipo de escrita. É um nome-litoral, registra o traçado da incidência do Outro em minha vida sem delinear ou apontar o que nesse traçado teria sido perdido. É também um nome-nó, uma encruzilhada polissêmica que traz em suas ressonâncias ilimitados aspectos do gozo, nem todos escoados na fôrma da fantasia e do trauma, do objeto e da perda.

Este traçado literal só terá leitura se tocar alguém. O Outro, assim, muda de função, não é mais agente da perda, mas aquele que poderá proporcionar a este traçado um enlace. É talvez o que tenha feito Lacan privilegiar a referência à topologia dos nós para situar este gozo - que não se inscreve, no máximo se traça, mas que se enlaça - e para ele cunhar o termo *sinthoma*.⁸

Mordidavida não é exatamente um neologismo, nem tampouco interpretação no sentido de uma extração de objeto. Prefiro pensar que é um *forçamento* como diz Lacan para dar lugar a um gozo impossível de negativar em sua possibilidade contingente de fazer laço.⁹

Para concluir, quero lembrar que escolher algumas letras, do decantado da análise, para transcrever o seu resultado em um nome estranho, centro deste testemunho, comporta um risco. As palavras que fazem sentido, que têm lugar na memória coletiva, sustentam-se quase que por si só. Quando se trata do não-sentido é preciso se responsabilizar. Para fazer reverberar o gozo fora do sentido, para fazer, dessa forma, da letra não mais um instrumento condenado à lixeira, mas um litoral é preciso engajar-se, entrar com seu corpo. Só há responsabilidade pelo que não tem sentido.

Não creio que esta situação-limite a que nos conduz o final da análise esteja tão longe de nossa realidade como pode parecer. O risco da letra-litoral, não está também presente a cada vez que nos deparamos com a responsabilidade de uma página em branco à espera de nossos rabiscos? Não é também o que se apresenta quando é necessário sustentar uma palavra de amor no sentido que lhe dá Lacan, daquelas coisas “estúpidas” com que se nomeiam os amantes para nomear o que escapa ao sentido pacífico e coletivo da

afeição? Assim entendo ainda as pichações incompreensíveis, por vezes apenas assinaturas, nas paredes de edifícios da cidade. São obra daqueles que buscaram sustentar, por vezes pondo seus corpos em perigo, o risco da letra fora do sentido.¹⁰

São situações em que o sentido se esvazia, quando o Outro prévio, da realidade compartilhada, da palavra correta ou da escrita justa, se esfumaça. Algo parecido está no ar em nossos dias em que vivemos a explosão das realidades variadas e das significações efêmeras. Nelas é preciso contar com as letras que soletram nosso gozo no limite do sentido para com elas abrir-se ao enlace contingente com o Outro.

Imagino, neste contexto, que a disposição que a psicanálise tem para acolher o *sinthoma* com suas inscrições contingentes em uma vida talvez possa nos aproximar dos recursos mais ou menos bem sucedidos para viver nestes dias de um Outro implodido.

Há todo um campo da letra litoral, que é também o da política do *sinthoma*, a ser experimentado. A análise me ofereceu o risco dessa experiência no plano da minha própria história e a possibilidade de sustentar um enlace entre o que em mim escreveu o Outro e o gozo a que essa escrita me abre. Desse entre-dois, fio de voz entreouvada abrindo um litoral entre o sono e a vigília não há despertar. Há, porém, conclusão, como foi a minha, sem sossego final, pois para o gozo que não tem remédio, nem nunca terá (como diz o poeta): não há equilíbrio, apenas equilibristas.¹¹

¹ *O Seminário, Livro 11*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 58.

² Como ouvir nossa voz do outro mundo é impossível, encontrá-la vinda do exterior, em uma gravação por exemplo, é sempre um pouco traumático, o que talvez justifique a grande dificuldade de assumir que se ronca. Nada disso experimentei naquela noite. *O Seminário, Livro 10*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 298.

³ Estivera sempre às voltas com uma violência muda. Mão na garganta ou grito do louco, era sempre uma enorme presença, não necessariamente sem som, mas sem sentido, que Lacan denomina a voz áfona do supereu. Não admira que a voz seja o modo de presença do Outro recorrente nos relatos dos religiosos, assim como dos psicóticos (cf. Vieira, M. A. "Silêncio" (isso não é um silêncio)", *Opção Lacaniana online* nova série, Ano 4, Número 11, julho 2013, disponível em http://www.opcao-lacaniana.com.br/pdf/numero_11/Silencio.pdf - acesso 17/03/15.

⁴ Parafrazeando Arnaldo Antunes: "o buraco ensina a semente a não caber em si" (Antunes, A. "O Buraco", encarte do CD *O Silêncio*, BMG/Ariola, 1997. Este gozo pode ser devastação ou transbordamento, hemorragia vital também, ou ainda violência ao ser projetada no inimigo. Por isso, Laurent fala dele como um terceiro aspecto do trauma para Freud, indicando sua figura maior, o sexual que não se inscreve no princípio do prazer, pulsão de morte (Cf Laurent, E. *Lost in cognition*, Buenos Aires, Diva, 2005, p. 134).

⁵ "A nomeação é a única coisa da qual estamos certos de que faça furo" (Lacan, J. *O Seminário livro 21*, RSI, 13/4/73). Para a interpretação como vibração cf. Miller, J.-A. (2011). *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 203.

⁶ Cf. Lacan, J. "Lituraterra", *Outros Escritos*, p. 15.

⁷ Objeto resto, *a letter a litter*,

⁸ Essa nomeação ao contrário do tambor suporta-se apenas no equívoco e como tal só pode se realizar com base nessa capacidade de linguagem que chamamos de escrita. Entendo porque Miller define o *sinthoma* como "uma escrita selvagem". Cf. Escrita como "acomodação de restos" (Lacan, *op. cit.* p. 16), assim como Miller, J.-A. *Curso de Orientação Lacaniana, O Ser e o Um*. Lição de 23 de março de 2011. Inédito.

⁹ O forçamento assim entendido é outro nome para o "fazer com" [savoir-y-faire] que é também fazer ali (naquela hora, naquela situação) a cada vez como possível (quanto ao *savoir-y-faire* cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 23*, p. 56 e *O Seminário, livro 24, "L'insu que sait..."*, inédito, lição de 15 de fevereiro de 1977). Este Outro gozo precisa necessariamente de uma nomeação ambígua como *Mordidavida*? Outros usaram palavras que já estavam em sua história. Seja como for, creio que será sempre necessário apoiar-se na capacidade da linguagem de tornar presente o que não tem sentido, em sua dimensão de escrita e eleger um traço ou outro para trazer a cena o singular do gozo.

¹⁰ Infelizmente, oferecem-se como herdeiros patéticos de códigos secretos que já não se referem a quase nada. De todo modo, de um lado a senha, nos grafitis, de outro a palavra de amor, no *facebook*, são modos de retomar indicações de Lacan para abordar nossos dias (Cf. Lacan, J. "O simbólico, o imaginário e o real", *Nomes do Pai*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 25).

¹¹ Na bela expressão emprestada de José Miguel Wisnik em sua coluna de 27/9/14 no jornal *O Globo*.